

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

“667 – O VIZINHO DA BESTA”

Guião

PARTE UM

Cena 1 – Manhã

Mãe entra vinda do quarto com a pasta. Vai para a cozinha, pousa a pasta ao pé da banca e começa a pôr a mesa.

MÃE - Meninos!

Pai entra vindo do quarto com a pasta. Pousa a pasta no corredor ao pé do quarto e entra na cozinha.

MÃE - Os miúdos já estão acordados?

Pai volta para trás. Ao chegar à porta para os quartos dos filhos sai a filha de mochila às costas. Começam os dois a ir para a cozinha. Pai à frente.

PAI – Chama o teu irmão

Filha olha para trás mas não recua. Entram os dois na cozinha. Filha ainda está a arranjar o cabelo.

FILHA – Bom dia.

MÃE – Bom dia.

Filha esforça-se para dar um beijo à mãe. Mãe continua a pôr a mesa. Pai olha pela janela. Sentam-se à mesa. Filha pousa a mochila encostada à cadeira.

Filho entra vindo do quarto. Atira a mochila para o chão do corredor e entra na cozinha.

FILHO – Bom dia

MÃE – Bom dia. Querem leite ou sumo?

Mãe traz o leite e senta-se.

Filho senta-se para se levantar logo a seguir e ir à banca buscar os seus cereais e tigela.

FILHA – Eu prefiro sumo. Estou enjoada de leite.

Mãe levanta-se e vai à banca buscar um copo de sumo.

PAI (ao filho) – Já viste que o vizinho tem outro carro novo?

FILHA – Que vizinho?

Filho e mãe voltam à mesa.

MÃE (à filha) – Come

PAI – O daqui (aponta para a janela; estende o recipiente do leite à Mãe) Já acabou.

Filho come depressa com a cabeça no prato. Mãe vai buscar mais leite.

MÃE (à filha) – Não comes nada!

FILHA – Eu já comi, tu é que não viste.

PAI – Está sempre a trocar de carro. E cada vez são melhores!

Mãe volta à mesa.

MÃE – O que é que aconteceu ao vizinho?

FILHO – Há marmelada?

Mãe levanta-se e vai à banca.

PAI – Ainda tens aquela máquina fotográfica das férias?

MÃE – Há compota.

FILHO – Hã, hã

PAI – Depois dá-ma.

Mãe volta à mesa e tenta abrir o frasco. Filho continua a comer à pressa.

MÃE – (ao filho) Não comas assim. (ao Pai estendendo a compota) Toma, não consigo. (à filha) Come!

PAI (a abrir a compota) – O pequeno almoço é a refeição mais importante do dia!

Filho levanta-se.

MÃE – Já vais?

FILHO – Sim

MÃE – Quero-te cá às sete e meia. Jantamos às oito.
FILHO (para o pai, já à porta da cozinha) – É um Mercedes.
PAI – Não, já é outro. Mas é vermelho na mesma. São sempre vermelhos...
Filho sai. Mãe levanta-se
MÃE – Tenho de ir.
Filho reentra.
FILHO (do corredor) – Oh pai, a caixa do correio caiu!
Filho volta a sair.
Mãe começa a arrumar alguma louça
MÃE (para o pai) – Levas a miúda?
PAI – Levo, pois.
FILHA – Mas então despacha-te
MÃE – Bem, quero-vos em casa às sete e meia. O jantar é às oito.
Mãe pega na pasta, dá uma festinha à filha e um beijo ao pai. Filha fica pendurada à espera de um beijo.
MÃE – Até logo!
PAI – Até logo!
Mãe sai. Pai bebe café. Filha põe a mochila.
FILHA – Despacha-te!
Mãe reentra e vem quase à porta da cozinha.
MÃE – Olha que a caixa do correio não pode ficar ali. Está a bloquear a entrada.
Mãe sai. Filha começa a arrumar coisas da mesa.
FILHA – Anda!
PAI – Espera. Estou a acabar de beber.
Pai acaba o leite. Levanta-se com a chávena e pousa-a na banca. A filha acaba de arrumar. Pai passa por ela.
PAI – Estou à tua espera.
Filha acaba de arrumar e vai atrás dele pelo corredor.
PAI – Tens tudo?
Pai pega na pasta. Filha ultrapassa o Pai.
FILHA – Estou à tua espera.
Saem os dois. Lá fora ouve-se a filha: “Olha a caixa do correio”
Pai reentra com a caixa do correio. Pousa-a no corredor. Sai.

Cena 2 – Tarde

A mãe entra carregada com sacos. Pousa-os no corredor. Vai ao quarto e regressa sem casaco nem pasta. Dirige-se à cozinha e pousa os sacos sobre a mesa. Vai à sala, liga a televisão e sobe o volume de maneira a poder ouvir na cozinha; ouve-se “O preço certo em Euros”. Regressa à cozinha para preparar o jantar.
O filho entra.
FILHO (atirando a mochila para o chão do corredor) – Cheguei!
MÃE – (da cozinha) Olá!
FILHO – (dirigindo-se para a sala) Olá!
MÃE – Trouxe aquele bolo de chocolate de que tu gostas!
FILHO – (baixando o volume da televisão) Que barulheira!
MÃE – O quê? Trouxe aquele bolo de chocolate de que tu gostas!
FILHO – (deitando-se no sofá) Eu amanhã faço isso.
MÃE – Aquele que leva as avelãs por cima... que tu gostas!
FILHO – Hoje não, mãe. Amanhã!
MÃE – Mas não podes comer muito agora porque o jantar demora pouco.
FILHO – Porque é que não pode ser amanhã?
MÃE – Não! Podes tirar um bocadinho. Não podes é encher-te de bolo.

A Filha entra em casa e grita “Boa tarde!”. A Mãe responde da cozinha “Olá!”. A Filha vai para o quarto, mas de repente vê as coisas do irmão no chão.

FILHA – CARAMBA!! É sempre a mesma coisa! Sempre tudo espalhado no chão! Custa alguma coisa arrumar? Não há pachorra!!! (desaparece para dentro do quarto)

MÃE (chegando à porta da cozinha) – Ai, Filha! Não grites no corredor!!! Tu hoje não tinhas judo?

Filha reaparece no corredor, de telemóvel na mão. Dirige-se para a sala.

FILHA – Hum?

MÃE – Não tinhas judo hoje à tarde?

FILHA – Ah, sim, judo...

MÃE – E então? Não foste???

FILHA – (à porta da sala, de costas para a mãe e de frente para o irmão) – Hoje não houve. (atrapalhada) O professor está doente. (senta-se junto do irmão)

MÃE – Ân... (volta para a cozinha).

FILHO – (confrontando a irmã) Está doente o professor? (dando-lhe um pontapé) Não me digas!

FILHA – (retribuindo o pontapé) És parvo?!

(silêncio. Olham para a televisão)

O Pai entra, diz “Boa Tarde” do corredor. Pousa a pasta à entrada e vê a caixa de correio, que o deixa um pouco desmoralizado. A Mãe grita da cozinha “Olá”. O Pai vai até à cozinha.

FILHA – Já?

FILHO – Então? O pai não tem horário!

FILHA – Não tem horário?! É claro que tem horário!

(pausa para televisão)

PAI – O que é o jantar?

Beija a Mãe.

MÃE – Frango guisado.

O Pai dirige-se à janela e fica a olhar para fora.

MÃE – Pode ser?

Pai não responde.

MÃE – Tinha pensado fazer assado, mas se começa a fazer agora ainda demora...

FILHO – Quem tem horário é a mãe. O pai... o pai manda numa data de pessoas.

FILHA – O pai manda?! O pai tem um patrão!

(pausa para televisão)

Pai continua concentrado a olhar para fora.

PAI – Já reparaste neste tipo? Anda sempre todo arranjadinho, sempre com uns bons fatos, com umas gravatas assim... (leva a mão ao sítio da gravata, sente a sua própria gravata)

MÃE – Eu sei que tu preferes assado, mas se começo a fazer agora ainda demora muito.

PAI – No outro dia até saiu de lenço!

MÃE – Quem?

FILHO – Quem tem patrão é a mãe. O pai... o pai trabalha no escritório.

FILHA – E depois? O pai não pode sair quando quer, pois não?

(pausa para televisão)

Pai fica a olhar para fora. De repente dirige-se à porta da cozinha.

PAI – Vou tomar um duche.

MÃE – Então... guisado ou assado?

PAI (saindo para o corredor) – Assado.

Mãe fica frustrada com a resposta. Pai apanha a pasta do chão do corredor e desaparece para o quarto.

FILHO – O pai até pode ter horário mas a mãe é que não manda em ninguém!

FILHA – E manda! E manda na senhora das fotocópias!
FILHO – Isso não é mandar!
FILHA – E é e tu é que és parvo!
FILHO – (dando-lhe um pontapé) Parva és tu!
Mãe sai da cozinha e vai atrás do Pai para lhe falar. De repente vê as coisas do Filho no chão do corredor, muda de direcção e vai até à sala.
MÃE – Luís, vai arrumar as tuas coisas.
FILHA – (imitando a mãe) Luís, vai arrumar as tuas coisas.
FILHO – Já vou!
(toca o telemóvel da filha. Ela verifica a identificação da chamada e sorri)
MÃE – Não é já vou, é vou já!
FILHA – (derretida, atendendo o telemóvel) Olá! Espera um bocadinho! (ri-se e sai da sala).
A mãe tenta sentar-se mas sem sucesso.
FILHO – Estás a ver...? Tem um namorado novo... a tua filha!
MÃE – (aborrecida e dando-lhe uma sapatada nos pés) E se te metesses na tua vida! Vai arrumar as tuas coisa. Já!
O filho levanta-se ofendido. Sai da sala. Apanha a mochila e sai para o quarto.
A mãe presta atenção à televisão. Sobe o volume e deixa-se ficar uns instantes numa estranha posição, meia sentada meia de pé, dividida entre a obrigação de fazer o jantar e o desejo de ver televisão.
Finalmente sai da sala dirigindo-se para a cozinha mas a meio do caminho muda de ideias e sai para o quarto.

Cena 3 – Noite

Na penumbra da casa, vemos a silhueta do Pai em roupão a sair do quarto e a dirigir-se ao quarto dos filhos. Após uns segundos, ele reaparece no corredor, vai até à porta da rua e tranca-a. Vai até à porta da sala e espreita lá para dentro; vai até à cozinha e faz o mesmo. Ouve-se ao fundo um pulsar grave, como se de uma batida de música de dança muito ao longe. O Pai volta para o quarto, mas subitamente ouve-se uma gargalhada de mulher que o faz parar. Pai fica confuso sem saber de onde vem o som. Volta à cozinha e espreita pela janela. O som da batida aumenta ligeiramente. O Pai vai até à porta da rua e encosta o ouvido. O som da batida vai diminuindo aos poucos. O Pai desiste de escutar e volta para o quarto, apercebendo-se pelo caminho da presença da caixa do correio no corredor, de que já se esquecera.

Cena 4 – Manhã

Mãe entra vinda do quarto com a pasta. Vai para a cozinha, pousa a pasta ao pé da banca e começa a pôr a mesa.
MÃE - Meninos!
Pai entra vindo do quarto com a pasta. Pousa a pasta no corredor ao pé do quarto e entra na cozinha.
PAI - Esta noite não preguei...
MÃE - Eles já acordaram?
Pai volta para trás.
PAI - ...olho.
Ao chegar à porta para os quartos dos filhos sai a filha de mochila às costas.
FILHA - Bom-dia!
PAI - Bom-dia!

Filha dá um beijo ao pai. Começam os dois a ir para a cozinha.
PAI - Chamaste o teu irmão?
Filha ultrapassa o pai. Entram os dois na cozinha.
FILHA – Bom dia.
MÃE – Bom dia.
Filha esforça-se para dar um beijo à mãe. Mãe continua a pôr a mesa. Pai olha para a janela e senta-se à mesa. Filha pousa a mochila encostada à cadeira e vai ajudar a mãe.
FILHA – Senta-te e come.
MÃE – Oh filha, eu ponho a mesa.
PAI – Isto aqui ao lado parece uma pensão.
MÃE (à filha) – Senta-te e come.
Filha e Mãe sentam-se.
MÃE – Que pensão?
Filho entra vindo do quarto. Atira a mochila para o chão do corredor e entra na cozinha.
FILHO – Bom dia
MÃE – Bom dia.
Filho senta-se para se levantar logo a seguir e ir à banca buscar os seus cereais e a tigela.
PAI – É barulho toda a noite. (para a mãe) Mais leite.
MÃE – Trago já.
Mãe levanta-se para tratar do leite. Filho volta à mesa.
PAI – Um entra e sai, entra e sai...
FILHO – Logo venho tarde. Tenho ensaio.
FILHA (a rir) – Bem precisam de ensaiar...
Mãe traz compota para a mesa.
MÃE (ao pai) – Abre lá isto. (passa-lhe o frasco). (à filha) Então o professor de judo está melhorzinho?
Mãe levanta-se para ir buscar sumo para a filha. Pai tenta abrir o frasco apoiando-o na barriga.
FILHO (à filha, a gozar) – Está melhorzinho, está?
FILHA (para o pai) – Oh pai, que impressão! Olha o frasco na barriga...
Mãe volta à mesa.
FILHA – Qualquer dia já nem chegas à mesa (imita barriga do pai afastando-se da mesa)
Todos riem.
MÃE – E tu nem precisas de lugar na mesa. Estás tão magra que passas entre as pingas de chuva. (mãe imita filha de lado a fugir à chuva)
Todos riem.
FILHA – Óh mãe... E tu és a super-mulher.
MÃE – Não comes nada.
PAI – Olha que o pequeno-almoço é a refeição...
FILHA (termina a frase com ele, em tom de gozo) – ... mais importante do dia!
(indicando o Filho) Deixa lá, aquele depois come os restos todos.
Todos riem
PAI (brincando com o filho) – Fecha a tampa do caixote do lixo!
Riem todos menos o filho que se levanta furioso. Filho sai e deixa todos estupefactos.
MÃE – Oh filho...
PAI – O que é que foi?
MÃE (para o corredor) Até logo.
Filho pega na mochila e sai de casa.
MÃE (ao pai) – Tens que ter cuidado. Já sabes como é com os adolescentes.
Mãe levanta-se e começa a arrumar.
FILHA – É só borbulhas.

MÃE – Não gozes com ele que tu também és assim.
FILHA – Eu nunca tive borbulhas!
MÃE (à filha) – Não tens de ir embora?
PAI – Não queres boleia?
FILHA – Não, hoje vou com o pai duma colega minha. Tenho que me despachar. Preciso é de dinheiro.
Filha levanta-se e começa a arrumar.
MÃE – Eu vou. (ao pai) Dá-lhe o dinheiro, está bem? Até logo.
Mãe pega na pasta. Atira beijos ao pai e sai.
MÃE (à filha do corredor) – Então? Vens? Deixo a porta encostada.
Pai estende dinheiro à filha que olha desconsolada e o guarda. Filha pega na mochila, dá um beijo ao pai e sai. No corredor cruza-se com a mãe que voltou para trás.
MÃE (ao pai do corredor) – Não te esqueças da caixa do correio!
Mãe sai. Pai olha pela janela. Subitamente sai da cozinha, pega na pasta e sai de casa.

Cena 5 - Tarde

A mãe sai do quarto e dirige-se à sala. Liga a televisão; ouve-se “O preço certo em Euros”. Senta-se e começa a ver uma brochura de agência de viagens.
O pai entra vindo da rua.
PAI – (desanimado) Só cheguei agora!
MÃE – Olá! (pousa a brochura)
PAI – (entrando no quarto, onde deixa a pasta) – Apanhei um engarrafamento...
MÃE – Está a chover...?
PAI – (saindo do quarto a tirar o casaco) Estava eu ali parado há que tempos e há um tipo que ultrapassa toda a gente pela faixa da direita... um carro vermelho... a faixa da direita é para as ambulâncias... era o vizinho...
MÃE – É peixe cozido...
PAI – (regressando ao quarto) Toda a gente ali à espera e ele a passar...
MÃE – Não te oiço...
PAI – (saindo do quarto a alargar o nó da gravata) Isto é que me lixa!
FILHA – (saindo do quarto para ver quem era) Ah! És tu! (regressa ao quarto como que surpreendida)
PAI - (dirigindo-se para a sala) Depois não admira que ele chegue a casa antes de mim. (sentando-se) Todos ali paradinhos e ele VUUUHHH!! (a mãe ia dar-lhe um beijo mas fica suspensa pelo gesto que acompanhou a onomatopeia. Ele repara finalmente nela e dá-lhe um beijo) É uma pessoa sem responsabilidades, percebes?
MÃE – Quem? Aquele teu amigo?
PAI – O vizinho! Eu não consigo passar assim à frente dos outros! Eu tenho uma equipa para liderar, coisas a coordenar, responsabilidade para com os outros, percebes?
MÃE – Tu precisas é de descansar...
PAI - No trabalho, em casa...
MÃE - ... e eu também...
PAI - ... é um cansaço...
MÃE – ... por isso é que eu estava a pensar que podíamos marcar já o descanso...
PAI - Eu queria era ter a vida dele!
MÃE – (mostrando a brochura ao pai) Passei ali na agência e já fiz uma primeira selecção. É tudo na mesma ilha! Pi-Pi, um paraíso ao sul!
PAI – (olhando para a brochura como que interessado) Quero dizer, querer não queria porque ele nem sequer tem família... não tem responsabilidades...

MÃE – (manuseando a brochura com grande à vontade) A menina disse que agora só temos de optar entre um Hotel – confortável, luxuoso, com todos os requintes – ou então um Bungalow – uma coisa mais romântica, mais tribal, nós os dois junto ao mar...(a mãe parece ligeiramente mais entusiasmada com o Bungalow do que com o Hotel)

PAI – (pegando na brochura) Assim não admira que ele chegue ao fim do dia impecável... e eu aqui estourado... e olha que ele saiu à mesma hora que eu, e esteve a dar uma festa até às tantas... e depois chega a esta hora e está impecável... não percebo...

MÃE – (levantando-se) Agora é só decidir.

PAI – (tentando concentrar-se na brochura) Estou tão cansado!

MÃE – (saindo da sala) Escolhes tu! Dá uma olhadela! (entrando na cozinha) Mas olha mesmo!

O pai tenta ler a brochura mas não consegue. Atira-a para o sofá e deita-se. Quando se estica os seus pés empurram, sem querer, a brochura para o chão. A mãe está na cozinha a começar a por a mesa para o jantar.

Cena 6 - Noite

O Pai está na sala, na mesma posição, mas mais acomodado. A Mãe está na cozinha, mas agora a acabar de limpar a loiça. Vai para a sala mas nesse momento a Filha sai do quarto e dirige-se à porta da rua.

FILHA (grita) – Até logo!

A mãe pára no corredor, de costas para o público, com o pano da loiça na mão.

MÃE – Já vais?

FILHA – Sim... (tenta sair, mas a mãe interrompe-a)

MÃE – Vais assim? Com o casaco às costas?

FILHA – Sim, porq...

MÃE – Veste o casaco, está frio lá fora! Com quem é que vais?

FILHA – Oh, mãe, já te disse!

MÃE – Vêm trazer-te depois? Voltas a pé ou de carro?

FILHA – Mãe, já te tinha dito que...

MÃE – Só quero saber se te trazem! A Zeza vai?

FILHA – Oh...

MÃE – Não estás a pensar vir tarde, pois não?

FILHA – Queres que fique, é isso???

MÃE – Só estou a dizer para não vires tarde, e se for preciso telefona para te ir alguém buscar. Não gosto que saias assim, a meio da semana e até aposto que a Zeza não vai porque amanhã é dia de aulas e vais apanhar frio só com essa blusinha...

Entretanto, na sala, vemos o Pai a ficar cada vez mais tenso; ouvimos o som da TV a aumentar desproporcionalmente (som que enche a cabeça dele), cobrindo mesmo a conversa entre a Mãe e a Filha no corredor. No auge do barulho, o Pai levanta-se bruscamente, passa pelo corredor indiferente à Mãe e Filha, vai à cozinha e fica a olhar estranhamente pela janela.

FILHA (interrompendo a mãe) – Pronto, tá, até logo! Tchau!! (sai)

A Mãe fica no corredor uns segundos a olhar a porta. Vai para a sala.

MÃE – Isto agora é assim, já não há fins-de-semana nem dias de sema...

Subitamente percebe que o Pai não está na sala. Senta-se no sofá, vendo TV. De repente descobre no chão o folheto das ilhas exóticas, que o Pai entretanto pisou ao levantar-se. Fica a olhar para ele.

PARTE DOIS

Cena 1 – Manhã

Mãe entra vinda do quarto com a pasta. Vai para a cozinha, pousa a pasta ao pé da banca e começa a pôr a mesa.

MÃE - Meninos!

Pai entra na cozinha vindo do quarto.

MÃE - Eles já acordaram?

Pai volta para trás. Ao chegar à porta para os quartos dos filhos sai a filha de mochila às costas.

FILHA - Bom-dia!

PAI - Bom-dia!

Filha dá um beijo ao pai. Começam os dois a ir para a cozinha.

PAI - O teu irmão?

Filha acena com a cabeça. Entram os dois na cozinha.

FILHA – Bom dia.

MÃE – Bom dia.

Filha esforça-se para dar um beijo à mãe. Mãe continua a pôr a mesa. Pai olha para a janela e senta-se à mesa. Filha pousa a mochila encostada à cadeira e senta-se na cadeira da cabeceira.

MÃE (trazendo o leite) – O leite...

PAI – Obrigada

MÃE (à filha) – Vá, come.

Filho entra vindo do quarto. Atira a mochila para o chão do corredor e entra na cozinha.

FILHO – Bom dia

MÃE – Bom dia.

Filho senta-se para se levantar logo a seguir e ir à banca buscar os cereais e a tigela.

Mãe senta-se. Filho volta à mesa. Entra a Vera, com o seu fato de coelho.

VERA – Bom-dia

TODOS – Bom dia

Vera senta-se. Mãe levanta-se e traz compota para a mesa que passa ao pai.

MÃE (para a Vera) – Este bolo é para acabar hoje.

VERA (servindo-se) – Com licença

Pai passa a compota ao filho.

PAI (ao filho) – Abre lá isto, filho.

Filho tenta abrir o frasco.

MÃE (à filha) - Come

PAI – Põe os olhos na Vera. Quem trabalha tem de comer. O pequeno-almoço é a refeição...

FILHA (interrompe-o, amuada) – Por causa disso já nem como mais nada.

Filha pousa o prato na banca. Filho abre a compota, pousa-a na mesa e levanta-se para sair.

FILHO – Até logo.

MÃE – Não venhas tarde.

VERA – Até logo.

Filho dá um beijo à mãe e sai de casa levando a mochila.

PAI – Ontem à noite andavam a transportar jarrões aqui para casa do vizinho.

FILHA (ainda amuada) Olhem, eu também vou andando.

Pega na mochila e levanta-se

FILHA – (para os pais) Até logo. (para a Vera) Tchau.

VERA – Tchau.
MÃE – Não venhas tarde. Até logo.
Filha sai.
PAI – Uns jarrões grandes, chineses.
MÃE (servindo a Vera) – O bolo é para acabar.
VERA – Obrigada, está muito bom.
PAI – Devem ser daqueles da dinastia Ming.
MÃE (levantando-se e arrumando) – Eu tenho de ir andando, está bem? Ficas para jantar, Vera?
VERA – Se não for incómodo...
MÃE (pegando na pasta) – Então jantas. Oito, oito e meia. Ou nove, não há problema. Até logo.
Mãe atira beijos ao pai.
PAI - Até logo.
Vera acaba de engolir comida.
VERA – Até logo.
PAI – Eles transportavam as jarras cheios de cuidado. Embrulhadas em papel de bolinhas. E de luvas brancas nas mãos.
VERA – Essas bolinhas são boas para rebentar.
PAI – (olha para a Vera a comer) Tu comes bem, Vera!
Vera acaba envergonhada
VERA – Também está na minha hora. Tenho de ir indo.
Vera levanta-se e arruma a sua louça. Olha para o prato do pai.
VERA – Já acabou? Posso arrumar?
PAI – Já, já.
VERA – É só para dar um jeito...
Vera arruma a louça do pai deixando-o só com a chávena.
VERA – Eu vou. Até logo.
Vera sai.
PAI (para o corredor) – Até logo.
Vera sai. Pai fica a olhar o vizinho.

Cena 2 – Tarde

Pai está na cozinha, na mesma posição (a partir daqui não voltará a ir trabalhar).
Mãe entra da rua com sacos nas mãos. Vê a pasta do Pai no chão. Pousa os sacos das compras e vai ao quarto deixar o casaco e a pasta. Pai ouve-a e levanta-se. Mãe volta ao corredor, apanha os sacos e dirige-se à cozinha. O Pai aparece no corredor e cruza-se com ela.
PAI – Vou tomar um duche!
Apanha a pasta que ficou no corredor e sai para o quarto. A Mãe vai para a cozinha.
Filha entra da rua e grita “Olá!”. A sua barriga está um pouco maior (mais ou menos 5 meses). Vai ao quarto pôr a mochila. Pai aparece à porta do quarto sem sapatos nem gravata.
PAI (para a cozinha) - Entrou alguém?
FILHA (saindo do quarto e dirigindo-se à sala) - Entrei eu.
PAI (para a cozinha) - Não, na casa do vizinho. Entrou alguém?
MÃE – Hãn? Não, não sei...
PAI (enquanto vai tirando a camisa)- Já reparaste nas persianas dele? Estiveram corridas o dia todo... mas há luz lá dentro! E daqui a nada começam a chegar as “visitas”.
Vai ao quarto deixar a camisa e volta ao corredor.

PAI (enquanto tira e dobra as calças) – Chegam devagarinho, um em cada carro, só com os mínimos... batem as portas devagar... e são só homens...

Durante esta fala, o Filho entra vindo da rua e pousa a mochila no chão do corredor. Repara no Pai ali de roupa interior a falar, e fica a olhar para ele. O Pai demora a perceber que ele está ali, mas quando percebe cala-se e fica também a olhar. O Filho diz “Boa tarde” e vai para a sala ver TV com a irmã. O Pai volta para o quarto.

A Mãe está na cozinha a pôr a mesa para o jantar.

O filho entra na sala e senta-se no sofá à beira da filha. Ficam os dois a ver televisão, entretidos a comentar a evolução de uma série.

FILHO – Já estão juntos outra vez!?

FILHA – Então? Estava-se mesmo a ver!

FILHO – Eu acho que o Jack nunca deixou de gostar dela....

FILHA – Pois, mas ele andava muito estressado com os problemas na empresa. Não estava a conseguir aguentar tudo...

FILHA – Mas a Carol também foi um bocado criança... podia-lhe ter dado mais apoio....

FILHA – Não tinha tempo, coitada! Com os miúdos e tudo...

FILHO – Ele também tem filhos e da outra vez, quando ela precisou, ele esteve lá.

FILHA – São situações diferentes. (levantado-se) Acho que não podemos comparar...

A Filha sai na direcção do quarto. De repente vê as coisas do irmão no chão do corredor.

FILHA (berrando histericamente) – Pôrra! Não é possível! É sempre a mesma coisa!! Porque é que deixas sempre tudo espalhado?! Não acredito nisto! (dá pontapés nas coisas do irmão)

O Filho vem à porta da sala e fica estupefacto a olhar para ela. A Mãe aparece à porta da cozinha e olha para ela preocupada.

FILHA (à beira das lágrimas) – Porque é que tu me fazes isto? Não gostas de mim, é? É só para me chatear? O que é que eu fiz? O que é que eu te fiz para merecer que me faças isto?? DIZ-ME!!!

A Filha desaparece desesperada para o seu quarto.

MÃE (zangada, para o Filho) – O que é que fizeste à tua irmã?

O Filho, furioso, apanha as coisas do chão e desaparece para o seu quarto.

A mãe volta para a cozinha.

Cena 3 - Noite

A mãe está na cozinha a arrumar a louça. O pai está na sala, tentando relaxar, possuído pela sua música interior. Sempre que a mãe lhe dirige a palavra a música é interrompida para se reiniciar depois da sua resposta. As pausas para música vão-se tornando cada vez mais curtas.

MÃE – Tens que falar com o teu filho... dar-lhe uma palavrinha... estás a ouvir? Falar com o rapaz...

PAI – Tá...

MÃE – Não gosto nada desta história dele passar as noites todas fora.

PAI – Ehm, ehm...

MÃE – A mim não me liga nenhuma mas pode ser que a ti te oiça...

PAI – Pois é...

MÃE – Ele pensa que tem tudo na mão, que é crescido, mas ainda é um ingénuo, não é um adulto, percebes...?

PAI – É assim a vida...

MÃE – Eu sei lá quem são os amigos dele. Isto lá fora é um perigo. (o pai fica subitamente interessado pela conversa da mãe) Basta ver os noticiários. (o pai dirige-se à cozinha) Lá fora é a lei da selva.

O pai entra na cozinha e acaricia o rosto da mãe com uma estranha ternura.
PAI – (olhando a mãe nos olhos) – Lá fora é o fim do mundo!
MÃE – (enquanto o pai avança para a janela) – Pois é! Mas convence-o tu disso! Eu nem sequer conheço as companhias dele... aquela malta da banda.. com quem ele ensaia...
PAI – Mas olha que ele também passa muito tempo sozinho.
MÃE – Tu tens é que te sentar e falar com ele.
PAI – Não posso. Não consigo falar com ele.
MÃE – Não consegues como? Não percebo...
PAI – Tu já olhaste bem para ele?
MÃE – Já...
PAI – É de meter medo!
MÃE – De meter medo como?
PAI – Tu já o olhaste de frente?
MÃE – Claro! Olho-o de frente todos os dias!
PAI - Eu não sou capaz. E sabes o que é mais estranho?
MÃE – O quê?
PAI – Nunca lhe vi os olhos. E tu, já lhe viste os olhos?
MÃE – Claro que sim!
PAI – Do vizinho...!?
MÃE – Mas qual vizinho! Do nosso filho! Mas de que é que estamos aqui a falar!?
PAI – (voltando-se para a janela e dando definitivamente a costas à mãe) Que coisa estranha.
MÃE – Olha, eu vou-me deitar, está bem? (pausa enquanto a mãe espera uma resposta que não vem). Eu vou-me deitar, está bem? (saindo da cozinha em direcção ao quarto). Não demores.
A mãe sai para o quarto. O pai fica em frente à janela murmurando algo de ininteligível. Depois sai também para o quarto.

Cena 4 – Manhã

Mãe entra vinda do quarto com a pasta. Vai para a cozinha, pousa a pasta ao pé da banca e começa a pôr a mesa.
Pai entra na cozinha vindo do quarto.
MÃE – Vai chamá-los.
Pai acena com a cabeça, mas não vai. Olha a janela do vizinho e senta-se. Entra filha de mochila às costas.
MÃE - Bom-dia
FILHA – Olá.
Filha dá um beijo à mãe e senta-se à mesa, pousando a mochila ao seu lado.
MÃE – Leite. (para o pai) Serve.
Mãe senta-se para se levantar logo a seguir.
PAI – (para a filha) A que horas chegaste ontem à noite, Joana?
FILHA – Mais ou menos à hora que combinámos, pai.
Filho entra vindo do quarto. Atira a mochila para o chão do corredor e entra na cozinha. Senta-se para se levantar. Não chega a ir à banca porque a mãe lhe chega os cereais e a tigela. Filho e Mãe sentam-se. Mãe passa a compota ao pai.
PAI (tentando abrir a compota) – Mais leite
Mãe levanta-se.
PAI (para a filha) – Mas a que horas exactamente?
FILHA – Não sei, mais minuto, menos minuto, à hora marcada.
PAI (passando a compota ao filho) – Abre. (para a filha) – Antes ou depois da meia-noite?

Mãe senta-se.
FILHA – Se estavas à janela a ver-me chegar, já sabes.
PAI – Viste os sacos de lixo do vizinho na rua?
Filho pousa a compota e levanta-se.
MÃE – Até logo, filho.
Filho sai de casa levando a mochila.
PAI – São sacos pretos com fitinhas doiradas.
FILHA – Alguma vez te dei razões para não confiares em mim? Senão querias que eu saísse tinhas dito.
PAI – Não reparaste nos sacos?
FILHA – Que sacos?
MÃE (levantando-se e arrumando a mesa) – Levantam o resto?
PAI – São sacos grandes, pretos e com fitinha doirada. Vêem-se bem.
MÃE – Ajudem.
FILHA – Porque é que não vais directo ao assunto?
MÃE – Levantam o resto, está bem?
PAI – Não viste nada?
MÃE – Eu tenho de ir andando.
PAI – Alguém a passar? A pé, de carro, de mota?
MÃE – Eu vou. Até logo.
Mãe sai. Filha levanta o resto da mesa.
FILHA – Eu também tenho de ir.
PAI – Ele põe os sacos depois de passar o carro do lixo, mas eles de manhã já lá não estão.
FILHA – Até logo.
Filha pega na mochila e sai.
PAI – Repara-se logo nos sacos. Nos nossos vê-se o que comemos, leite, iogurtes, os dele são pretos.
Pai levanta-se e dirige-se para o quarto.
PAI – E são enormes. Devem ser precisas duas pessoas para os transportar.
Pai entra no quarto.

Cena 5 - Tarde

A mãe entra em casa com sacos nas mãos. Parece animada.
MÃE – (gritando para o quarto) Boa tarde!
PAI – (gritando do quarto) Olá!
A mãe vai à cozinha e coloca os sacos sobre a mesa. A filha entra em casa. Dirige-se ao quarto onde deixa a mochila. Volta ao corredor a caminho da sala. A mãe ouve a filha e vem ao corredor.
MÃE - Hoje vou fazer um jantarzinho especial!
FILHA - ...
MÃE – É uma receita de...
A filha segue para a sala sem ouvir a mãe. Deita-se no sofá, de barriga para o ar. A mãe regressa à cozinha. O seu telemóvel toca. Ela atende.
MÃE – Estou sim. Bom dia! Quero dizer, Boa Tarde! Sim, é a esposa.
O pai sai do quarto e dirige-se à sala.
MÃE - Sei, sei. É do escritório... Ele agora não pode atender.... Não! Não está doente. (enquanto o pai entra na sala) Sabe, tivemos aqui uma situação... ele depois explica...
PAI – Olá pequerrucha!
FILHA – (sentando-se para dar lugar ao pai) Olá!
PAI – Como é que vai o judo?
FILHA – (contente por o pai parecer interessado) Vai bem! Agora treino mais dias.

O pai tenta executar, na brincadeira, um movimento de artes marciais, género filme de kung-fu.

FILHA – (exaltada) Pára com isso! Isso não é judo! O judo não é assim!

PAI – (continuando a coreografia) Então como é que é?

FILHA – (tentando controlar-se) O judo não é o que vocês pensam.

PAI – (parando subitamente) Não? Então explica-me.

FILHA – (parecendo mais calma) Há treinos. Há etapas de treino. Há concentração.

O Pai reage repentinamente à palavra “concentração” e regressa à sua coreografia.

FILHA – (agora desesperada) Deixa-te disso! Tu sabes em que nível é que eu estou?

PAI – (continuado a coreografia) Em que nível é que estás?

FILHA – (sofrendo) Estou num nível avançado!

A filha sai e dirige-se ao quarto. O pai fica espantado. Sem perceber o que se passou.

MÃE – (que continuou sempre ao telefone) Pois... e não pode mandar os papeis cá para casa? Não pode... É que se pudesse ele assinava.... É uma maçada.

O pai dirige-se para a cozinha.

MÃE - Se calhar podia ir eu aí buscar os papeis... e depois voltava aí para os devolver...

O pai entra na cozinha e começa a mexericar nos sacos que a mãe trouxe.

MÃE – (ainda ao telefone) Pois é.... desculpe! Eu passo aí então. Desculpe. Obrigado.

Desculpe. (desliga o telefone)

PAI – O que é que estás a fazer?

MÃE – (tentando disfarçar o embaraço) Estou a fazer um jantar especial.

O pai dirige-se à janela. A mãe dirige-se ao balcão.

PAI – Mesmo especial?

MÃE – Mesmo especial!

O pai fica a olhar pela janela enquanto a mãe fica a tentar trabalhar junto ao balcão.

PAI – O vizinho nunca faz jantar!

MÃE – (parando com o que estava a fazer) ...

PAI – Manda vir tudo de fora. Para ele e para o gato. São só os dois.

MÃE – (começando a ficar agastada) ...

PAI – Isso é que é especial... super-especial!

MÃE – (agastada) ...

PAI – Ele só tem de telefonar. E depois vem uma daquelas empresas entregar. Uma daquelas empresas de... (não encontra a palavra)

MÃE – (desesperada) Catering.

PAI – (saindo da cozinha e dirigindo-se para o quarto) Pois. Aquilo deve ser muito bom. Muito bom mesmo.

O pai sai para o quarto. A mãe fica na cozinha desmoralizada.

Cena 6 – Noite

Filho vê TV na sala. Pais entram vindos do quarto.

MÃE – Falas tu também.

PAI – Não te preocupes, vai correr tudo bem.

Entram na sala.

PAI (para o filho) – Vai chamar a tua irmã que a mãe quer falar convosco.

Filho sai.

MÃE – Eu não, nós.

Pais sentam-se no sofá e mãe baixa volume da TV.

FILHO (gritando do corredor) – Joana!

FILHA – Hã?

FILHO – Olha a mãe.

Filho entra na sala e senta-se.

MÃE – Senta-te.
Filha entra.
PAI – Senta-te pequerrucha.
Filha senta-se. Pais olham os filhos. Filhos olham os sapatos.
MÃE – Queríamos falar convosco.
PAI – É. Precisamos de conversar.
Silêncio
MÃE – Vamos olhar uns para os outros, porque acho que já não nos vemos há muito tempo.
Silêncio.
MÃE - Falem.
PAI – É preciso pôr cá para fora.
Silêncio.
MÃE – Filho, como é que te sentes?
Filho encolhe ombros.
Silêncio.
MÃE (para a filha) – Tu também. (para os dois) Como é que se sentem? Por dentro?
Silêncio.
MÃE - Como é que estão? De que é que precisam?
FILHO – Um DVD.
FILHA – É, um DVD. Já tínhamos falado nisso.
MÃE – Não. Não é disso que eu estou a falar.
PAI - É de sentimentos.
Silêncio.
MÃE – Nós estamos aqui juntos.
PAI – Podemos estar unidos, ou não.
MÃE – Somos uma família.
PAI – Temos de decidir.
MÃE – Temos de falar uns com os outros.
PAI – Sendo certo ou errado.
Silêncio.
MÃE (começando a desesperar com os comentários do pai) – Eu queria que...
PAI – A vossa mãe quer que falemos e precisa que a ouçam. Perceberam?
FILHA – OK
Filhos levantam-se
FILHO – Já está?
MÃE (derrotada) – Já...
Filhos saem para os quartos.
Pai agarra as mãos da mãe.
PAI – Vês? Correu bem.
Silêncio.
PAI – Hoje vi o vizinho de roupão.
Mãe sai subitamente para o quarto.
PAI – (para o corredor) – É que foi o dia todo! E de pantufas...

PARTE TRÊS

Cena 1 – Manhã

Vera sai do quarto da Filha vestida de objecto. A Filha vem atrás a ajeitar-lhe o fato e a falar. Dirigem-se à cozinha.

FILHA – Agora é assim: acabaram-se as noitadas, às nove e um quarto estou na cama para estar a dormir às nove e meia.

Vera entra primeiro na cozinha; fica espantada pois não está lá ninguém e a mesa do pequeno-almoço não está pronta. A Filha passa-lhe à frente, pousa a mochila e começa naturalmente a colocar a mesa.

FILHA – Ter cuidado com a alimentação e descansar muito! È que já treino três vezes por semana.

VERA (confusa) – Treinas? Estás a falar do judo?

FILHA – Claro! E como já decidi que vou às próximas competições, devo começar a treinar também aos fins-de-semana... senta-te!

VERA (sentando-se, ainda mais confusa) – Competições? Mas... quando é que elas são? Quero dizer, achas que podes?

O Pai entra na cozinha de roupão (que manterá vestido quase até ao fim da peça).

FILHA – Bom dia, Pai. Estou a pôr a mesa.

O Pai dirige-se à janela e olha para fora. De repente chama a Filha.

PAI – Joana, chega aqui!

A Filha aproxima-se.

PAI – Sabes que flores são aquelas? (aponta)

FILHA -... não, Pai, não sei...

A Mãe entra na cozinha e diz “Bom dia” a todos com um ar artificialmente feliz e pousa a sua pasta encostada à sua cadeira.

PAI (à mãe) – Chega aqui, chega aqui!

A Mãe aproxima-se do Pai e “pendura-se” no seu ombro numa pose romântica estranha. Entretanto a Filha vai terminando de pôr a mesa, sem nunca se sentar.

PAI – Sabes que flores são aquelas? As brancas? (aponta)

MÃE – As brancas... hmmm... não, nunca vi.

O Filho entra e senta-se à mesa.

MÃE – Bom dia.

FILHA (examinando a mesa) – Bem, acho que está tudo.

MÃE – Falta a compota!

A Mãe vai buscar a compota, a Filha fica um pouco abatida. A Mãe senta-se pousando a compota.

PAI – Que estranho... ele anda sempre de roda daquelas flores...

FILHA – Bem, tenho que ir andando...

MÃE – Adeus, Filha.

A Filha sai. O Filho faz força para abrir a compota. A Mãe examina tudo com um sorriso, sem comer.

PAI – Usa umas luvas especiais para tratar delas.

MÃE – Está tudo bom?

VERA – Ótimo!

PAI – Passa horas ali, com uns instrumentos especiais...

MÃE – Bem, também está na minha hora!

PAI – Gostava de saber para quê...

A Mãe levanta-se e arruma apenas o seu prato e copo.

MÃE – Até logo, Filho! Até logo, amor! Até logo, Vera!
Mãe sai.
FILHO (para Vera) – A Mãe anda sempre a correr...
VERA – Pois é, tem muita energia. Vem dos tempos de bailarina...
FILHO (sorri sem perceber) – Bailarina?
PAI – Aposto que são flores raras...
VERA – Sim, claro... então, os teus pais quando se conheceram eram uns grandes bailarinos de dança de salão... até chegaram a ser campeões... (para o Pai) campeões regionais, não foi?
PAI - ... para ele perder tanto tempo com elas...
O Filho fica verdadeiramente espantado a olhar para a Vera. Esta levanta-se e começa a arrumar as coisas da mesa.
VERA – Foi isso, campeões regionais. Se calhar vou arrumando estas coisas.... Eram mesmo bons, o teu Pai até era conhecido como “O homem do Ritmo”... (para o Pai) não era? Se calhar não levo as suas coisas, ainda não comeu...
PAI – Mas que raio de flores serão aquelas?
Vera espreita pela janela.
VERA – Ah, eu conheço!
O Pai olha pela primeira vez para ela, interessado.
VERA - A minha mãe costumava ter lá em casa. São as... Figueiras do Inferno, é isso. Muito bonitas! Bom, tenho que ir indo. Até logo.
Vera sai para o trabalho.
O Pai fica intrigado com o nome das flores e volta a olhar para a janela. O Filho fica intrigado com o passado do Pai e fica a olhar para ele. Subitamente repara nas horas e sai apressado. O Pai fica na cozinha. Aproxima-se da mesa (parece que vai sentar-se), pega no seu banco e leva-o até à janela. Senta-se, a olhar para fora.

Cena 2 - Tarde

O pai está na cozinha, sentado no banco, virado para a janela, espiando o vizinho. Tem um pequeno gravador onde vai registando as suas impressões.
PAI – As Mulheres são sempre ruivas...
A filha entra em casa. A sua barriga é agora de quase nove meses.
PAI – Ruivas, altas e... ruivas!
A filha repara que tem um atacador desapertado. Percebe que não vai ser fácil resolver o problema. Primeiro tenta baixar-se, depois apoiar o pé na caixa do correio. Finalmente senta-se e depois de falhar mais uma tentativa acaba por, flectindo a perna, apertar o atacador e levantar-se.
PAI – Eu vejo-as a entrar...
A filha sai para o quarto.
PAI - ... mas nunca as vejo a sair...
O pai fica na cozinha.

Cena 3 - Noite

Pai espia vizinho na cozinha. Mãe vê um filme na TV na sala. Pai vai até à sala e senta-se no sofá ao lado da mãe.

PAI – Diz-me uma coisa.

Silêncio

MÃE – Hã?

PAI – Tu já reparaste que na casa dele nunca há velhos nem crianças?

MÃE – Ah.

Silêncio. Mãe vê filme. Pai pensativo. Filho entra em casa.

MÃE – Já?

Pai – Nem velhos nem crianças.

Filho vem até à porta da sala.

FILHO – Olá.

MÃE – Boa-noite. Já em casa?

FILHO – Sim... o baterista não apareceu no ensaio.

Filho entra e põe-se atrás do sofá a ver TV.

FILHO – Estão a ver televisão?

MÃE – É um filme.

FILHO – Tem uma cor esquisita.

MÃE – É antigo. Vais sair outra vez?

FILHO – Não.

Silêncio. Mãe e Filho vêem filme. Pai pensativo.

PAI – É estranho.

FILHO – Vocês já tomaram café?

MÃE (fora de tempo) – Já, já.

FILHO – Saíram?

MÃE – Não. Não vais sair?

FILHO – Não. Hoje está a apetecer-me ficar em casa. (pausa) Acho que vou para a cama.

Silêncio. Mãe e Filho vêem filme. Pai pensativo.

FILHO – Bem, vou ver se ainda estudo um bocado. Boa-noite.

Filho dá um beijo à mãe.

FILHO – Boa-noite, pai.

Filho dá um beijo ao pai. Vai a sair, mas pára à porta um instante a olhar a TV.

FILHO – Até amanhã.

Filho sai e vai para o quarto.

MÃE – Dorme bem.

Silêncio. Mãe vê o filme. Pai pensativo.

MÃE – Isto está a ficar esquisito.

PAI – Não se consegue ver nada.

Silêncio. Mãe vê o filme. Pai pensativo.

PAI – Nunca vi. Nem um idoso. Alguém com um carrinho de bebé. Nada.

MÃE – É estranho. Sempre em casa, agora. O teu filho não anda bem. Há aqui qualquer coisa estranha. Falador, simpático. Nem parece ele. Eu não sei o que é, mas não gosto desta atitude.

Silêncio. Mãe vê o filme. Pai pensativo.

MÃE – Bem, eu vou dormir. Já vi isto.

Mãe levanta-se. Fica em pé a ver mais um bocadinho de filme e finalmente sai.

MÃE – Até já.

Mãe vai para o quarto.

PAI – Eu já vou.

Silêncio. Pai pensativo.

PAI – Parecem todos da mesma idade.

Cena 4 - Manhã

Pai está na sala onde passou toda a noite. Entra Vera (vestida com profissão) vinda do quarto da filha e entra na cozinha. Pai ouve-a no corredor e vai ver quem é. Vera ao entrar na cozinha estranha ser a primeira. Pai ao ver Vera não a reconhece imediatamente. Vera começa a tratar do seu pequeno-almoço. Vê o Pai.

VERA – Bom-dia.

PAI – Bom-dia.

VERA – O que é que toma?

PAI – Café... preto, forte, sem açúcar.

Vera fica confusa, visto que nunca houve café ao pequeno-almoço. Pai fala já para a câmara imaginária. Vera trata do seu pequeno-almoço. Entra a filha.

PAI – Bom-dia pequerrucha. Estás linda, hoje. Lembras-me tanto a tua mãe quando tinha a tua idade.

Filha acena com a cabeça e olha à volta.

VERA – Queres leite?

Filha acena que não com a cabeça e começa a sentar-se com dificuldade, sem tirar a mochila das costas.

Entra o Filho.

PAI – Então, jovem? Pronto para um novo dia?

FILHO – Bom-dia.

Filho vai buscar os seus cereais.

VERA – (para o pai) Quer que o sirva de leite?

PAI – À vontade.

Filho senta-se. Entra a mãe. Vem mais arranjada do que é costume

MÃE – Bom-dia.

PAI – Bom-dia amor.

Mãe pousa a pasta encostada ao seu banco, vai buscar a compota e senta-se.

PAI – Ora aqui está a minha família.

Filha levanta-se e vai para o corredor telefonar.

PAI – Todos reunidos para o pequeno-almoço... a refeição mais importante do dia! (Pausa) Já ele vive sozinho. Sem ninguém.

FILHA – Está, Catarina? O teu pai vai-te levar?

PAI – Tem visitas, mas não tem família.

FILHA – Não? OK. Eu vou de autocarro.

PAI – E que visitas...

FILHA – Deixa. Eu já ia mesmo de autocarro. Até já.

PAI – Sempre a horas esquisitas. Meios escondidos.

Filha entra na cozinha, olha em volta, olha para o aspecto da mãe com rancor e sai.

PAI – E as mulheres? Que entram e não saem?

FILHA – Até logo.

VERA – Adeus.

Filha sai.

PAI – Mas saem sacos do lixo. Pretos e enormes. Com fitinhas doiradas.

MÃE – Eu também tenho de ir.

PAI – Ele sempre impecável, durma ou não. Com fatinhos fantásticos e de carro sempre novo. Óculos escuros.

VERA – Posso acabar com o bolo?

PAI – À vontade.

Mãe olha para a mesa.

MÃE – Bem, vocês ainda não acabaram de comer...

VERA – Deixe estar que eu levanto.

MÃE – Obrigada. Eu vou indo.

Mãe pega na mala.
PAI – Sem nunca descurar os canteiros. Sempre de volta das flores.
MÃE – Até logo, amor. Até logo, filho.
FILHO – Até logo.
MÃE - Até logo, Vera.
VERA – Adeus. Eu depois telefono.
MÃE – Faz isso.
Mãe sai.
PAI – Porquê as flores? Para quê os jarros chineses?
Vera e Filho acabam de comer. Pai tira o gravador do bolso para gravar algo. Vê os outros e vai para a sala.
VERA – Tenho de ir.
FILHO – Corre bem o trabalho?
Vera começa a levantar coisas da mesa.
VERA – O costume.
FILHO – Pagam bem?
VERA – Não. Mas enquanto não arranjo mais nada... Sempre garante alguma independência.
Vera acabou de arrumar a sua louça e a comum.
VERA – Bem, até à próxima.
Vera sai. Filho fica pensativo na cozinha. Pai grava na sala.
PAI – Quando os sacos são recolhidos, as persianas estão fechadas.
Filho apercebe-se que está atrasado e sai à pressa arrumando a sua louça e levando a mochila do corredor.

Cena 5 – Tarde

O Pai está na sala, a ouvir uma gravação que fez numa das suas directas.
PAI (voz gravada) - ...ele continua a pé... acendeu outra luz agora... o que é que ele está a fazer?... a esta hora?... daqui a pouco começa a nascer o dia e ele sempre de um lado para o outro... como é possível?... a noite toda sem dormir...
O Filho e a Filha entram vindos da rua. A Filha vem a falar lá de fora. Param no corredor, com a Filha sempre a ameaçar que vai entrar no quarto e a voltar para trás para acrescentar coisas.
FILHA – ... sei lá, ao Egipto, subir às pirâmides! Deve ser tão fixe, olhar lá de cima! E então do espaço? Como os astronautas... já pensaste? Deve ser difícil ser astronauta, mas era fantástico! Ver o mundo todo lá de cima... ou estudar Geologia e andar a escalar montanhas, de mochila às costas, a carregar pedras... e depois ainda escrever um livro sobre isso, deve ser fantástico...
FILHO (um pouco confuso) – Mas... e o judo? Desististe?
FILHA (berra) – Tu estás a gozar com a minha cara? Tu estás parvo?!? Claro que não desisti do Judo! Eu não desisto de nada! Fui expulsa. Eu não desisto, as pessoas é que desistem de mim! Mas para que é que eu quero essa parvoíce do Judo? Achas que me interessa? Achas que eu preciso do Judo para... escalar montanhas ou... ir ao espaço, ou... idiota!!
A Filha sai disparada para o quarto. O Pai desliga nesse momento o seu gravador. O Filho fica um pouco parado, confuso, no corredor. Depois atira as suas coisas para o chão do corredor. Avança na direcção da sala, mas nesse momento o Pai sai de lá em direcção à cozinha. Ao passar pelo corredor vê o Filho ali especado e ficam um breve momento a olhar-se. O Pai segue sem dizer nada para a cozinha. O Filho avança confuso para a sala; a meio volta para trás, apanha as suas coisas do chão e vai arrumá-las no quarto. Vai finalmente para a sala e senta-se no sofá.
O Pai fica na cozinha a olhar pela janela.

Cena 6 - Noite

Filho está na sala. Pai na cozinha. Mãe entra na sala vinda do quarto com um Bonsai nas mãos que não larga a cena toda.

MÃE – Olha...

Ficam os dois calados a olhar o Bonsai.

Filha sai do quarto, aproxima-se da porta da sala.

FILHA – Até logo.

Filha dirige-se à porta da rua. Mãe vem ter com ela ao corredor.

MÃE – Já vais?

FILHA – Sim.

MÃE – Com esse casaco?

FILHA – Sim

MÃE – Não o apertas?

FILHA – Se lá fora estiver frio eu aperto.

MÃE – Vais com quem?

FILHA – Já te disse isso ao jantar.

MÃE – Vai aquela... a zeca?...

FILHA – Zeza. Vai

MÃE – Vens com quem? Vêm trazer-te?

FILHA – Sim.

MÃE – Tens aulas amanhã.

FILHA – Eu sei.

MÃE – A que horas vens?

FILHA – À hora que combinámos.

Filho sai da sala e vai ter com o pai à cozinha. Senta-se à mesa e fica a olhar para ele.

O Pai olha pela janela.

MÃE – Não venhas tarde.

FILHA – Não.

MÃE – Se precisares vamos buscar-te.

FILHA – OK

Filha sai subitamente.

MÃE – É só telefonares.

Mãe volta à sala.

MÃE – A tua irmã...

Mãe repara que está sozinha, cala-se e senta-se no sofá.

PAI – Estou a pensar nos gatos.

FILHO – Que gatos?

PAI – Ele tem sempre um gato. Mas não é sempre o mesmo. Parece.

FILHO – Ah.

PAI – É impossível ser sempre o mesmo. Este mês já é para aí o terceiro. Sempre da mesma cor. Mas vê-se porque não são exactamente do mesmo tamanho.

FILHO – Ah.

PAI – O que é que acontece aos gatos? Nada que se veja. Se fossem atropelados, por exemplo, ouvia-se. Via-se. O chiar dos travões, gritos de miúdos, qualquer coisa. Mas nada...

Pai e Filho ficam em silêncio. Filho pensa no que dizer. Pai olha pela janela. Na sala a mãe vai-se abaixo e começa a chorar. De repente olha à volta e sai para o quarto, sempre de Bonsai nas mãos.

FILHO – Pai... quando tinhas a minha idade em que é que pensavas?

PAI – Ah! Tanta coisa! O futuro todo à minha frente...

FILHO – Sim. Mas como é que ...?

PAI – Bons tempos. Fiz tudo o que quis. Eu sou o que sonhei.

FILHO – A sério?

PAI – Eu concretizei os meus sonhos, nunca fugi ao meu destino. Nem às minhas responsabilidades.

FILHO – Mas nunca houve alturas em que não soubesses o que fazer?

PAI – Vocês hoje não podem perceber...

FILHO – O que é que se faz quando não se sabe o que fazer? Quando é preciso escolher?

PAI – Inteligência e bom senso. É preciso saber analisar e depois caminhar para o alvo.

FILHO – Às vezes é tão difícil...

PAI – Nenhuma batalha é fácil. Queres um conselho do teu pai? Segue o teu coração. Sempre. Voa. Haja o que houver.

FILHO – Tenho de pensar.

Filho levanta-se para sair.

PAI – Dá tudo o que tens.

Filho vai para o quarto. Pai fica na cozinha.

PARTE QUATRO

Cena 1 – Manhã

O pai está na cozinha a olhar pela janela. Sobre a mesa continua a sua louça. A mãe sai do quarto e entra na cozinha. Parece deprimida.

MÃE – (sem expressão) Bom dia.

A mãe coloca sobre a mesa a louça necessária para o seu pequeno almoço; fica com a pasta ao colo.

A filha sai do quarto e entra na cozinha. Parece deprimida. Vai buscar um copo com água; fica de mochila às costas.

PAI – (respondendo à mãe com atraso) Bom dia.

O filho sai do quarto. Atira a mochila para o chão do corredor e dirige-se à cozinha.

FILHO – (bem disposto) Bom dia!

O filho vai buscar a sua louça, os cereais e o frasco de compota. Desta vez não tenta abrir o frasco.

Silêncio.

FILHO – (lentamente e cada vez mais entusiasmado) Logo tenho ensaio... aquilo está a correr bem... somos capazes de dar um concerto para o mês que vem... se calhar não vos disse... mas vamos gravar uma maquete... o tio do João tem um amigo que trabalha num estúdio... e nós vamos aproveitar... claro que só temos três músicas... mas eu estou agora a preparar mais uma... não é fácil... compor a música... escrever a letra... é uma canção de amor... mas não só... e começa assim com

.....

[A PARTIR DAQUI CANTA A SUA CANÇÃO ENQUANTO VAI DESCREVENDO O ACOMPANHAMENTO INSTRUMENTAL E UMA IDEIA CÉNICA PARA OS CONCERTOS]

O filho termina a sua apresentação e fica à espera de uma reacção. A indiferença é geral e absoluta.

MÃE – Olha, eu estava aqui a pensar e acho que... logo vou trazer um frango de churrasco...é que ando mesmo farta de cozinhar!

A filha abandona a cozinha e sai de casa.

MÃE – Até logo.

A mãe abandona a cozinha e sai de casa. O pai volta-se novamente para a janela e fica de costas para o filho. Este está devastado. Arruma toda a louça que estava sobre a mesa, com agressividade. Abandona a cozinha, apanha a mochila e sai de casa. O pai fica a olhar pela janela. De repente encolhe-se assustado.

PAI – (hirto e em pânico) Ele não me viu. O sol estava a bater na janela. Ele não me pode ter visto.

O pai fica na cozinha, encolhido e assustado.

Cena 2 – Tarde

O Pai está na cozinha, na mesma posição.

Vera sai do quarto da Filha, com um fato que não vemos bem na mão, parte da sua fantasia de Piu-Piu. Está pela primeira vez vestida normalmente (t-shirt, calções, roupa de casa). Vai para a sala e começa a coser o fato.

O Filho sai do seu quarto e vai ter com ela à sala. Percebemos que ele vem decidido a falar à Vera de algo sério.

FILHO – Olá.

VERA – Olá.

FILHO (indicando com a cabeça o fato) – Então, o que é que se passa?

VERA – Oh, é este fato... é uma porcaria. A cabeça não entra bem, está meia torta. E hoje rasgou-se aqui, entre as pernas. Amanhã tenho de o usar outra vez, estou a tentar arranjá-lo. Ainda vou ter que o experimentar para ver se está tudo bem...

FILHO – Ah... (Pausa) É difícil arranjar, assim, um trabalho destes?

Tocam à porta.

O Pai, na cozinha, desperta da sua posição e vai em pânico ao corredor. A Mãe sai do quarto para ir à porta, mas o Pai interrompe-a, disfarçando o pânico:

PAI – Deixa, deixa... eu vou lá...

A Mãe volta para o quarto e o Pai vai encolhido até à porta mas não a abre.

VERA – Não, é só ir até lá e preencher uns impressos. Não tem nada de especial...

FILHO – Ah... e eles aceitam, assim, pessoas... novas...

Vemos o Pai a fazer uma série de figuras estranhas no corredor, em pânico por pensar que é o vizinho que está à porta, tentando espreitar e esconder-se ao mesmo tempo.

VERA – Sim, costumam aceitar. Mas porquê, estás interessado?

FILHO – É... tenho andado a pensar... se calhar era bom arranjar um trabalho, começar a ganhar algum dinheiro... já é altura de ter alguma... independência, não é?

A campainha volta a tocar. O pânico do Pai aumenta.

MÃE (do quarto) – Então, não abriste?

O Pai aproxima-se dobrado da porta do quarto deles.

PAI (meio sussurrado) – Já estou a abrir...

FILHA (do quarto) – Ninguém vai à porta?

O Pai aproxima-se dobrado da porta dos quartos dos filhos.

PAI (meio sussurrado) – Já estou a ir...

O Pai volta para o pé da porta, agachado.

VERA – Ah, sim, eles não pagam muito mas dá para ir juntando algum...

FILHO – É preciso ter, assim, alguma capacidade especial para fazer esse trabalho?

VERA – Pachorra. Muita pachorra.

FILHO (rindo) – Então acho que ia conseguir.

O Pai começa a afastar-se devagar da porta, de volta à cozinha, tentando não fazer barulho.

VERA – Se quiseres eu posso ajudar-te. Levo-te lá e apresento-te às pessoas...

A campainha toca outra vez. O Pai pára de andar, gelado.

FILHO (para o corredor) – Então? Ninguém vai abrir?

O Pai começa a andar em bicos de pés de volta para a porta.

FILHO (para Vera) – Fazias isso? Levavas-me lá?

VERA – Claro, não custa nada... se estás mesmo interessado podemos combinar já...

O Pai volta para trás ainda todo dobrado e a meio do corredor sussurra para a porta da sala :

PAI – É engano...

FILHO – Isso era ótimo, explicavas-me como funcionava isso dos impressos, eu preenchia logo...

O Pai volta à porta, desta vez deslizando colado às paredes. Quando lá chega tenta espreitar pelas frinchas dos lados, evitando aparecer no óculo da porta.

VERA – Claro, não posso prometer nada, mas ao menos eu apresento-te e se eles gostarem de ti... ficas, de certeza.

FILHO – Isso era fantástico!

VERA – Fazemos assim: vem ter comigo ao shopping amanhã por volta das três. É a hora a que eu acabo o trabalho; vamos logo lá e fica tudo tratado.

O Pai volta para a cozinha de gatas.

FILHO – Ok, combinado! (levanta-se animado e começa a aproximar-se da porta de costas) Amanhã às três! Lá estarei! Uau... (hesita) Vera... obrigado!

VERA (acabando de rematar o fato) – De nada.

O Filho sai da sala, por pouco não apanhando o Pai a entrar na cozinha de gatas. O Pai volta à sua posição encolhida na cozinha. O Filho vai triunfante para o seu quarto. Vera examina o fato; levanta-se e vai também para o quarto.

Cena 3 - Noite

O Pai está encolhido, na cozinha. Ouvimos sons que vêm do outro lado mas fazem uma combinação aterradora, uma banda sonora dos infernos. Sentimos que a presença do vizinho é cada vez mais forte e coisas interessantes e aterradoras estão a passar-se na casa ao lado. O Pai luta entre a curiosidade de espreitar à janela e o medo do vizinho estar lá à espera de o ver.

Finalmente cede à tentação e vai até à janela.

Nessa altura Vera sai do quarto vestida com a sua fantasia (um bicho fofo identificável, estilo Piu-Piu) e começa a andar num passo estranho pelo corredor para a experimentar, ver se ficou bem cosida.

Na cozinha, percebemos na cara do Pai que ele acabou de ver uma coisa horrível, mas nesse instante ele ouve o barulho de Vera e fica em pânico total. Espreita e vê o vulto do “bicho” de que Vera está vestida, agarra na tábua de madeira da cozinha e vai até ao corredor, onde lhe bate com força na cabeça. Vera cai, morta. O barulho da casa ao lado cessa.

Durante esta cena, a luz modifica-se gradualmente, começa a clarear por ser madrugada. Com o lento avanço da claridade o Pai percebe que o “Monstro” que matou era a Vera disfarçada. Fica com o corpo no corredor e de tábua na mão a ponderar o que fazer.

À medida que a luz de manhã se vai instalando, a família vai acordar e sair dos quartos em roupão. Em primeiro lugar sai a filha que se dirigia à cozinha. Ao ver o corpo da Vera pára e fica histérica.

FILHA (grita) – Pai!!

O Pai vê-a e imediatamente lhe tapa a boca com a mão e a abraça.

PAI – Foi um acidente. Foi um acidente. Tem calma.

Filha cala-se e fica apática a olhar o corpo morto. O Pai tira a mão da boca mas continua a abraçá-la.

Entra a Mãe. O Pai larga a filha e olha para ela.

PAI – Foi um acidente.

Entra o Filho.

PAI – Foi um acidente.

MÃE – É a ... é a ...

FILHO - ... é a Vera!

MÃE – Está morta?

FILHO – Mataste a Vera?!

PAI – Não. Era um intruso. Foi um acidente. Eu pensei... Estava escuro, eu só vos queria proteger. Entrou alguém em casa e eu nem pensei. Agarrei o que tinha à mão. Não era ela. Eu pensei que nos iam fazer mal. Foi sem querer. Percebem? Foi um acidente. Foi só um acidente.

MÃE – E agora?

PAI – Agora temos de pensar no futuro. Na família. Temos de ter calma. Isto foi um acidente. Temos de resolver isto. Vamos tirar isto daqui e logo se vê. A vida continua, não é? Nós somos uma família. Todos juntos resolvemos isto. Vamos lá.

O Pai passa a tábua à mãe que a agarra junto a si e vai agarrar o corpo pelo tronco.

PAI – Filho, ajuda aqui.

Filho não se mexe e acena que não.

PAI – Vá, eu preciso de ajuda.

A Filha vai para ajudá-lo, mas o Pai não deixa

PAI - Tu não podes fazer esforços. (para o filho) Temos que pensar no bem do bebé.

Pai e Filho olham um para o outro. Mãe e Filha estão apáticas a olhar o corpo. Filho vacila e acaba por ajudar o Pai, pegando nas pernas. Começam a levar o corpo. O Filho começa a dirigir-se para o quarto dos pais. Pai puxa para o lado contrário..

PAI – Não, vamos para este lado.

Pai e Filho levam o corpo para o lado do quarto dos filhos. Seguem-nos a Mãe e depois a Filha.

Cena 4 – Manhã

Mãe entra vinda do quarto com a pasta. Vai para a cozinha, pousa a pasta ao pé da banca e começa a pôr a mesa.

MÃE - Meninos!

Filha entra vindo do quarto de mochila às costas.

FILHA – Bom dia.

MÃE – Bom dia.

Filha esforça-se para dar um beijo à mãe. Mãe continua a pôr a mesa.

MÃE – O teu irmão já está pronto?

Filha acena com a cabeça, pousa a mochila encostada à cadeira e senta-se.

MÃE – Queres leite ou sumo?

Mãe traz o leite.

FILHA – Leite.

Mãe serve a filha de leite e bolo. Filha começa a comer. Mãe vai preparar os flocos do filho. Filho entra vindo do quarto. Atira a mochila para o chão do corredor e entra na cozinha.

FILHO – Bom dia

MÃE – Bom dia. Toma.

Mãe dá os cereais ao filho que se senta sem comer. Mãe senta-se. Entra o pai.

PAI – Bom-dia.

Mãe levanta-se para ir buscar mais leite. Pai vai-se sentar dando uma festinha à filha.

Mãe regressa com o leite.

PAI – Obrigado.

Mãe senta-se.

MÃE (para a filha) – Logo vou-te buscar e vamos comprar umas roupinhas.

Mãe levanta-se para ir buscar a compota. Pousa a compota na mesa e o filho pega nela.

PAI (vendo a filha a comer) – Assim, sim. O pequeno almoço é a refeição mais importante do dia!

FILHO (pousando a compota sem a tentar abrir) – Não consigo.

MÃE (já a começar a levantar a mesa) – Deixa lá filho, também nunca ninguém come.

PAI – Tens ensaio, hoje?

FILHO – Tenho.

MÃE (observando a família da banca) – Já pensaste? Não tarda nada podes levar um sobrinheiro para o ensaio!

FILHO (satisfeito) – Pois é!

Filho começa a comer. Mãe levanta mais algumas coisas.

MÃE – Bem, eu vou andando. (para o filho) Vens comigo?

FILHO – Vou.

Filho acaba de comer. Mãe pega na pasta, dá um beijo à filha e outro ao pai.

MÃE – (para a filha) Vou-te buscar às seis, então, está bem?

FILHO – Até logo!

MÃE (para a filha) – Se precisares de alguma coisa, telefona. (para os dois) Até logo!

Filho e mãe saem. Pai bebe leite.

FILHA – Também tenho de ir.

PAI - Eu dou-te boleia.

Pai acaba o leite. Levanta o resto da mesa enquanto a filha se levanta. Pai passa-lhe a mochila e sai da cozinha. Filha sai atrás dele andando com dificuldade. Quando o Pai pega na mala ela ultrapassa-o.

FILHA – Estou à tua espera.

Saem os dois. Pai reentra e pega na caixa do correio. Sai.

FIM

FIM